



Nos bairros e nas localidades, as solidariedades cruzaram-se com a multiculturalidade

## A política do mundo da vida

Renato Miguel  
do Carmo

O apagão ocorrido no final da manhã da passada segunda-feira desligou-nos o mundo digital, e de repente ficámos sem pé e sem saber o que fazer. A internet emperrou ou ficou muito intermitente, o cartão de Multibanco deixou de funcionar, os ecrãs ofuscaram-se, a interminável barulheira mediática interrompeu-se... algum silêncio inundou os lares ou os locais de trabalho. De um momento para o outro, a vida habitual virou-se do avesso.

Já tínhamos sentido algo similar durante os primeiros dias da pandemia, mas sem termos perdido, nessa altura, o acesso aos recursos fundamentais, como eletricidade, água ou dinheiro. No confinamento deu-se uma paragem forçada que nos deslocou aceleradamente para as plataformas digitais e para o burburinho das reuniões à distância. Desta vez, a paragem implicou ficarmos em presença uns dos outros. O

tempo esbarrou no espaço da copresença sem qualquer possibilidade de escapatória para os fluxos digitais. Com pouca informação sobre o que estava a acontecer e sem diretivas da parte do Governo e das autoridades, não houve alternativa naquelas primeiras horas senão abrir a mão ao outro e contar com a espontaneidade das relações e das soluções engendradas no momento.

As praças e os lugares públicos encheram-se de gente que, apesar da aflição, tentavam perceber o que estava a ocorrer e como poderiam resolver os seus problemas mais urgentes, que passavam, designadamente, pela necessidade de apanhar o transporte para chegar a casa ou de conseguir comprar alguns alimentos para as refeições do dia. O básico e o adquirido tornaram-se abruptamente em algo complicado de estabelecer, e as respostas foram-se encontrando com as pessoas. Na partilha de informação, na conversa, na solidariedade entre colegas de trabalho, entre vizinhos, mas também entre desconhecidos.

Por sua vez, se os hipermercados e os bancos encerraram, as lojas e as mercearias de bairro mantiveram-se, grande parte delas, abertas. Muitas mantidas por trabalhadores vindos de outros países e de geografias distantes, que responderam e desenrascaram o que puderam desenrascar.

Nos bairros e nas localidades, as solidariedades cruzaram-se com a multiculturalidade. Afinal, não somos assim tão diferentes quando se partilham necessidades e dificuldades. Naquelas horas reinventaram-se pequenas soluções em proximidade, tentando resgatar experiências já esquecidas de como se fazia quando era o analógico que dominava. Foi o mundo da vida (das relações e das interações

**Não somos assim tão diferentes quando se partilham necessidades e se passa pelas mesmas situações e dificuldades**

sociais) que restaurou, pelo menos parcialmente, um certo equilíbrio e alguma calma e segurança num dia caótico. Esse mundo, que infelizmente foi cedendo espaço e protagonismo às infundáveis intempéries produzidas na crescentemente polarizada esfera virtual, é elementar para o bom funcionamento e organização das sociedades.

Como refere Michael Sandel num livro recente, “precisamos de construir uma infraestrutura cívica para uma vida partilhada onde as pessoas se encontrem”. Ou, dito de outro modo, é fundamental emprender uma política da vida que misture nos mesmos locais pessoas de diferentes classes, diferentes origens étnicas e raciais, diferentes gerações, diferentes orientações sexuais. Esta infraestrutura cívica é um pressuposto básico, mas não único, para construirmos uma sociedade mais igualitária e solidária.

Professor de Sociologia  
no ISCTE e autor do livro  
“Direito ao Mundo da Vida”